

***NÃO APTO
PARA MEMÓRIAS***

Livro 19

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Preparação de originais
Carmem Hanning

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



COM POUCO DIZER

Não me contento com pouco dizer, pois sei que as palavras exigem proporções, proeminências; que as bocas dissimulam afetos que as palavras insistem em transportar como discretas e secretas, confirmando ou contradizendo, mais acima ou mais abaixo do que deviam estar.



TIRAR A PACIENCIA

Que coisa é tirar a paciência do seu lugar! Ao modo fuga, sequestro, banida, fazendo-a mais um dos extremos que foge. Gente especializada no pior, realça que não podemos passar dali.

QUIETUDE

Tenho uma quietude que chega aos ossos. Quietos todos os movimentos, os olhos baixos e cansados, tudo que tenho para falar fica entendido, fica tudo por dizer em palavras. Meu corpo é uma imagem agora perdida, como um desenho malfeito.



ESTOU SÓ

Embora cercado de gente, estou só, com os sentidos recolhidos. Muito só e quieto com o que tenho. Por isso, muitas vezes me confundo e perco.

GUARDIÃO

Ser um guardião da natureza e do natural exige perfeições, pelo menos pretensões. Há que ser claro, ter estima, fazer coisas lícitas, honrar a memória de pai e mãe, cultivar a bondade e outros que fazem valer a pena merecer lembranças nos tempos vindouros, embora poucos o mereçam.



NOITE QUIETA

Esta noite quieta, propicia conversas. Podemos gastar um pedaço da noite para tirar o amor dos livros e imitar estimas desacostumadas às práticas, tirando do exílio carinhos forasteiros.

BOAS - VONTADES

Lá estimei as reciprocidades, lá não me pesou a generosidade da oferta nem a do reconhecimento.



ALGUMAS

Lutando entre o que devo e o que quero, sou autor de muitas contradições, algumas anônimas outras reconhecidas e assinadas. Geralmente compiladas juntas, se misturam na evolução e na involução, insistindo em que eu, seu autor, lance mais detalhes para completar a exposição.

ECOS

A trajetória faz ecoar os interesses, trata-se de uma documentação contada a sua maneira abordando vários períodos. Ela merece atenção como um apêndice da vida, é memorável.



TRAJETOS

Trajetos pontuados por paisagens que dialogam com meus olhos ganhando significado e vida. São decorações feitas efêmeras pelo meu andar traçado pela pressa em chegar a um marco que passa a ser de segunda importância. Como um desfile de artes visuais, assisto essas esculturas da natureza em atividade artística que observo como pinturas contemporâneas.

ELOQUÊNCIAS

Sentires eloquentes marcam as ausências da vida. Algumas centrais, outras acompanhantes, gravadas para serem duradouras. Seus registros sobrevivem aos tempos embora nem todas merecedoras de serem inseridas no estatuto da memória.



ACESSO LIMITADO

O acesso limitado aumentou os desejos e o consumo de insuficientes fantasias refugiadas e cativas. As vontades remanescentes ficavam distantes dos objetos desejados, havia o cuidado de prever as sementes para as tentações sucessivas e para dar sobrevida à esperança.

SOMBRAS E ALIMENTOS

A prudência para assegurar e proteger o amor de riscos como invasões, furtos, feras, falsários visam garantir o satisfatório prazer dos amantes. Entre sombras e alimentos deverão ser evitadas as companhias perigosas.



SOU CÍNICO

Frequentemente sou cínico, debocho em silêncio com covardes ironias, evito confrontos nas forças desproporcionais ou desnecessárias. As palavras estão ao meu alcance, reduzidas ao uso das minhas intenções; discurso, vocífero, declaro, excludo e incluo. Finjo uma delicadeza invertida de uma rudeza omitida, visto uma impotência de gala e coragem, dispensando admiráveis espantos.

AMAR OS PIORES

Ninguém me recomendou amar os piores, nem evocar razões para ouvir-lhes os maus tratos. Nunca ninguém me indicou assistir aos desinteressados. Como poderá o prazer constatar vida na dor, na doação da amizade àqueles que apagam as luzes e ultrapassam todos os limites? Que frágil preferência será essa que me liga ao danoso que esvazia todos meus merecimentos?



A VIDA EM FESTA

A vida em festa faz barulhos, se avisa com ruídos, anuncia um espaço de sobrevivência, um território conquistado ao vazio desprovido de alegria. Comanda, possui, partilha a soma das forças duplicadas pelas alegrias de outras muitas vidas que se somam a ela. Transborda toda a sua disponibilidade.

AMOR DE BENEVOLÊNCIA

Canso-me deste amor de benevolência. Quero cobiçar, ser fiel a mim mesmo nessa minha esfomeada ânsia insatisfeita. Quero cobiças fartas, abundantes, sem misturas, puras, sozinhas, quero o puro ganho, a realização mais egoísta que me sequestre desta mania de cuidar sem ser cuidado, ensinando-me algo da minha natureza sempre adiada.



INFORTÚNIOS

Aqueles que se ocupam demasiado de si mesmos, ainda que tenham bons motivos, espantam a minha curta tolerância, medem a minha imperfeita paciência, esvaziam minha acolhida, pouco a pouco me fraturam a oferta de rebocar infortúnios.

DURÁVEIS

Queria construir coisas que durassem: casa, filhos, jardins, ideias úteis, silêncios, certezas felizes, convictas, constantes.



MAL ESTAR

Não tenho jeito para doenças e hospitais, sempre me estranho com mal-estar corporal; salto fora, como se a saúde me esperasse do outro lado; vou-me sem deixar nada para ser consumido.

SEM ORIENTAÇÃO

Na vida raramente cruzo com alguém. Obstinos caminhantes vêm na minha direção, desviam o olhar, olham para as próprias mãos, parecem fugir, andam depressa desviando a direção do encontro. Como teleguiados, apagam e acendem, perdidos sem orientação, olhando para o que me parece ser pouco ou nada. Preparo-me para viver uma decepção na recepção.



PREDADORES

Predadores se disfarçam esforçados em demitir minha consciência, fingindo virtudes. Chegam como anjos divertidos revelando segredos, substituem a minha paz por um desconfortável agito que me tira as defesas. Como não os ouço, me oferecem seus silêncios como o que mais importante têm para me dizer.

DAR TEMPO

Aprendo que preciso dar tempo aos olhos para poder olhar. O tempo acaba tão depressa quanto a rapidez com que o tratamos.



REUNIÃO NOTURNA

À noite, quando me reúno com a minha consciência, falamos de várias coisas. Finjo dormir, mas ela me interpela. Sinto desconforto com sua presença, mas esbarro nas utilidades que ela me aponta. Às vezes me magoa - sabe fazê-lo como poucos: a mesma disposição para ferir meu orgulho.

MENINO PERDIDO

Guardo um ar de menino perdido esperando autorização para me encontrar.guardo como se não tivesse pressa de crescer,



PRESSA

Naqueles dias eu estava sempre com pressa, tinha ficado de resolver algo impossível.



FALO MAIS

Falo mais do que entendo, - gasto fútil, desnecessário. Não há muito a dizer, porque a falta de escutas me impõe o silêncio.

CASO PERDIDO

Um espanto saiu por aí se metendo na intimidade dos meus hábitos, devassando as soluções provisórias, fazendo-me duvidar das definitivas. Senti-me como se fosse um caso perdido recepcionando um medo desnecessário que ali foi só pra me assustar.



MAUS HÁBITOS

Deslumbrado de alegria, não consigo resolver se é para mimá-la ou soltá-la - esta a indecisão instalada. Tenho o mau hábito de nunca pôr o cinto de segurança. Quando estou eufórico me parecem festa até os riscos.

JUSTO TENTAR

É justo tentar, cansa odiar. Sempre urgente, atropelador, animalesco, o ódio deixa poucas sobras, divide a vida, o presente, a memória. Prolonga-se cruel, possui, divide, se oferece justo corretor.



TODO AMOR POSSIVEL

Acolho todo o amor possível. Minha sede assim o pede, exigindo garantias. Minha prudência concorda pela escassez.

DEIXANDO AUSENCIAS

Sob a forma de segredo, de retirada, a beleza saiu calada, recusando méritos e reconhecimentos, sendo uma ocorrência temporal, esvaziada, vai-se deixando ausências.



TODA ALEGRIA

Toda alegria se enche de razões na pureza das meninas. Nelas, a subjetividade guarda evidências e mistérios. Despretensiosas e eróticas, caminham com algumas fantasias e todas as alegrias.

USOS

Vejo o uso degradado do amor, logo ele, desacostumado às fúrias, às regras, vive em estado livre, sobrevivendo aos solavancos, longe das máscaras segue dando bases à vida e as condições necessárias à sobrevivência.



CARREGO IGNORÂNCIAS

Invento possibilidades, finjo estabilidades que me fazem senhor do que não domino, me compreendo fragmentado, esgoto arranjos aceitáveis, me proponho mais saberes que nunca alcançarei cobrir. Tantas ignorâncias carrego!

MEU PARAÍSO

Não quero perder meu paraíso. Embriago-me em saudades, diante delas faço tudo o que qualquer saudoso faria; senti-las como combustível profundo.



O QUE ERA MENTIRA

O que era mentira no meu passado está sendo realidade no futuro.

DOADOR DE SIGNIFICADOS

Procuro doador de significados, pois os meus encontram-se naufragados. Em extremos e precários sentidos a minha inteligência vacila diante do supremo tribunal que apoia mensalões. Juízes precários de ética, treinados para mentir com arrogância, projetam irregularidades pelo Brasil, incentivando o roubo.



ORFANADES

Temo que alguma tristeza venha para ficar e me apague a fecundidade. Vivo escapando das quietudes impostas, dos silêncios obrigatórios.

INCONTROLÁVEL

Um choro incontrolável busca consolo, uma calma que esconda algo da existência minha. Essas dores me estremecem, prolongando encontros com presenças que eu desejaria efêmeras. Sempre volto a me encontrar com o que não posso esquecer.



OS EFEITOS DA DOR

Amparo os efeitos da dor, da aflição, preenchidas de inesperadas ilusões. Descontentamentos são cruéis testemunhas que reinam sonoros cruzando os ossos, os músculos e a paciência.

NO ESPELHO

Deposito no espelho olhares acadêmicos, posso notar então que me esqueci de completar expressões, faço as caras da profissão, poses necessárias para integrar o farto cerimonial que ainda tenta me reinventar.



CRÉDITOS

Dou um crédito singular à ingratidão. Ainda duvido que ela permaneça em alguém atingido por alguma devolução amorosa. Deles, os ingratos, não espero trocas, mas pelo menos algum desvairado sentimento que perca o rumo e seja um obséquio alegre e desobediente.

RANCORES PROFUNDOS

Povoam-me rancores profundos, que me salvam dos piores, daqueles que me estimulam ódios recíprocos e me fazem lembrar das vulnerabilidades todas, que sou mais prejudicial que útil. Com tristeza concebo esta minha incontinência.



PERIGO VERDADEIRO

Nem mesmo o aumento do sofrimento me tira da realidade. Pretendo seguir livre dos artificios que me esvaziem a intolerância. Não me contento com a prática da indiferença diante da esperteza; esse perigo verdadeiro.

LOUCAS E EXCLUSIVAS

Ideias loucas me submetem a pedir valores. Saio a catar por aí, como se os fosse encontrar na próxima esquina. Valores sem misturas, que me abram o apetite e devolvam o gesto que descobre onde se esconde a doçura.



FORÇA INVISÍVEL

Uma força invencível capitaneia meus sonhos, que dão asas ao espanto. São surpreendentes doçuras que inesperadamente dão uma sobrevida à minha última esperança.

O TEMPO SEM SERENIDADE

O tempo tirou de mim a serenidade, implantando batalhas e ataques. A consciência acossada por estranhezas, resguardou-se no único caminho possível.



ULTIMOS ALIMENTOS

Em mãos alheias meus valores ficam prisioneiros. Finjo dispensa, evitando batalhas, reivindicações, lamentações. Guardo os desejos e as necessidades sob vigilância para que ninguém me leve as fontes e os últimos alimentos.

FOME

Tenho uma fome furiosa de sinceridades, uns se burlam, outros se mentem, outros se traem, outros se contradizem, nada posso fazer ali, tropeço no caminho com surdos, irônicos, fingidos, tenho a voz atada a motivos que não me deixam calar.



ESVAZIADO

Esvaziei-me de espantos depois dos sucessivos improvisos, cosméticos engessando meus devaneios rendidos ao medo. Decidi trocar o mundo conhecido endurecido pela maldosa indiferença que executa cruel multidões sem que nada aconteça. Admirado de ouvir coisas tão novas não posso deixar de ouvi-las, senti-las, afinal elas não me ajudam em coisa alguma.

CONFINS

Certa realidade teve sua réplica em um sonho meu, apareceu na esperança de encontrar-me antes que chegasse o despertar, sua principal intenção era continuar viva buscando autorização para não morrer. Lançando-se como um estranho fenômeno de transposição vitoriosa diz ser uma sequência dos meus confins.



ENTRE

Embora possa parecer complicado definir o que sinto, estou sempre a postos para sobreviver em meio aos esforços entre a minha prezada arrogância e a minha incômoda humildade.

FALAR DE EXPERIÊNCIAS

Falar de experiências pode ser o incentivo que me estimule a consciência de que as pessoas têm fronteiras naturais para aceitar tolerar dores e prazeres.



ESTRAGOS

Os estragos foram grandes, cada estrago feito coisa de profissional criando ferida. Minha dor amadora dispersada como sobra, como nada.

AUTENTICO

Um sentido autêntico abre caminho, quer participação, exige um lugar, viver a condição de sujeito, fora dos diálogos, incrustado na realidade para não ser falso e fracassado.



AO DEUS DARÁ

Motivos não faltam, gente nova chega todos os dias, pedindo, pedem muito, todos pedintes, me fazem saber o tamanho e que passam necessidades, afundados, sem refino e sustento, sem abraço; luxo nem pensar. Ontem, hoje e amanhã entregues ao deus-dará.

OS ARREPIOS

Se não fossem os arrepios, pensaria duas vezes antes de afirmar não ser uma assombração, eles chegaram desacompanhados do medo, trouxeram uma nova emoção, cautelosamente postos respeitando o começo e o fim, tive então acesso ao momento. Em festa toquei os sinos em aviso, ali a vida trouxe novas ajudas, cobriu necessidades sem alardes.



RONDO

Rondo o bilhete premiado, a vaca morta, o engano iminente, a flecha apontada, a arma engatilhada, o voto comprado, a liberdade em caução. Rondo a próxima vez antecipada, a rua deserta, a meia noite, o escuro, o ônibus, a velocidade, brincar com fogo, apontar o dedo, a injustiça.

Rondo os sonhos para não serem interrompidos.

A COMPANHIA DOS PROFETAS

Busco enredos, deposito flores na arrogância alheia, decreto a morte da indiferença, provoço náuseas na obesidade, rio do avesso abraçado no verso, manipulo argumentos convidando, à distância, a companhia dos profetas do apocalipse.



MUSAS CALADAS

Quando as musas se calarem ficarão as imagens, suas cores nas almas encantadas, nas memórias que se bastam em si mesmas toda vez que precisem voar em direção ao desconhecido abrigadas em seus mistérios retornarão envelhecidas.

BUSCO ALÍVIO

Busco alívio daquilo que poderia ser sempre pior, pequenas imaginações forradas de ameaças imaginadas, antigos riscos reais, o acidente que rondou por aí, o quase que não aconteceu. Calmarias guardam o precioso medo para horas devidas, evitando os perigos da vida, malgastadas ações que acostumam evitar a vida.



UM DESVIO

Um desvio necessário se estabeleceu sem linhas preestabelecidas. Buscava alívio, por conveniência ou torpeza. Precisei estar um pouco só, livre destas forças que contra a minha vontade me tentam a desvendar o mistério que envolve os inimigos da alegria.

OS AFETOS QUE ME ACOMPANHAM

Os afetos que me acompanham parecem adivinhar minha história parecem contagiados de identificações. Esses afetos saem do esquecimento como uma surpresa, parecendo prescritos de antemão como um desvio necessário.



VICIADO EM LIBERDADES

Deixa de lado essa possessão exagerada, sempre inoportuna, que me atira no espelho a imagem prisioneira, que invade esse que nunca serei, atormentando a paz sempre passageira desse viciado em liberdades.

EXCLUSIVO

Sobrevivo modestamente graças a uma coragem antiga que me ajuda a atravessar grandes extensões com exclusividade.



INSUFICIENTE

Infiltrado nos interstícios, descubro-me insuficiente em mim mesmo.

ROSTO DE HOJE

Quando eu ainda não tinha esse rosto de hoje, ria sem medo, bancava cada fase até suavizar o susto, ganhava estabilidade trocando de máscaras.



DESFAÇO

Desfaço o formato de tudo aquilo que me preocupa, invento naturalidades, pesquiso no olho do furacão porque ele sempre leva muitas coisas dentro; ele corre veloz como quem está sempre com pressa instruído a fazer sucatas.

VIVO NUM LUGAR

Vivo num lugar onde poucos aparecem, não há motivos, nem destaques, há carência de gente, todos os amores acostumados. A mesmice se alimenta das loucuras controladas e das margens sempre obedecidas. Tudo é adiamento acumulado e milagre inventado no lugar onde vivo.



SEU NOME

A manhã apresentou-me o seu nome como a última poesia. Ela chegou como inspiração salvadora e se foi como dolorosa despedida, entrou como obra insólita e saiu como obra inédita pronta para ser companhia na solidão, junto comigo deitar na rede, capaz de expulsar as insônias e desgastar as distâncias. Sobraram impossíveis.

UMA SOLIDÃO

Uma solidão que não aceito me faz protestar contra o mundo que a inventa e sustenta como símbolo de recusa. Toda solidão tem arredores, ruas frequentadas, tempos fecundos, distâncias optadas. Toda solidão é destilada, pode ser calma. Nela cabe até a si mesma.



HÁ RESTOS

Há restos de umidades aromáticas depositados em um corpo atravessado. Há nele trechos de lancinantes ais febris de tirar o fôlego e o prumo. Rasgam o tempo, prometem folias, compondo uma recordação de amor.

ERRO FATAL

Repito sem cessar um erro fatal. Adoro tempestades, compro confusões, cultivo turbilhões. Em meus pensamentos fartos, sofro por todos, sofro por mim, armado na bagagem, tentando ressurreições mais bem-sucedida.



REFLEXO VELADO

Um reflexo velado habita minha imaginação, insinua-se. Ao que tudo indica, é uma criação tentando me livrar das cansadas formas de amar.

BRASEIRO

Jogo uma lenha depois da outra, faço a brasa que aquecerá a carne que me alimentará, tempero com os olhos e sal. Finalmente, faço um desfile dos churrascos que se alinham e povoam a minha memória.



FAÇO SABER

Faço saber que piso a terra que escolho, me divirto com ideias, imagino personagens, brinco de anular as ofensas e ouço dentro do silencio declarações de amor, voo com o pássaro de cada dia, degusto um peixe-rei frito e me despeço das fotografias que me lembram quem fui.

ZOMBARIAS

Zombam de mim esses anos que me contemplam passageiro, ávido de futuro, destilando o passado, sobrevivendo sem resignação a cada hora. Sei que eles, esses anos, conheceram virtudes esperando serem usadas.



DESPREZADOS

Desprezados como uma gente sem reputação ficam frente a frente com a miséria, abandonados e desprezados por todos, tristes criaturas a quem se lhes oficializa o título de proprietários do asco. Há que dominá-los com cobertores e internações diz o dono da palavra que lhes rouba a defesa. Entre eles a indignação chega sempre atrasada.

EU CONHEÇO

Eu conheço chuvas passageiras; acato cactos, desperto todos os dias com o sol que me acompanha até a hora do vento. Eu conheço a seca como fiel companheira; acolho o homem e o jumento como fanáticos seguidores bifurcados entre o açude e a irônica fome saídos de gestação antepassada.



MARCO ENCONTRO

Marco um encontro com os anos passados, com a pele intacta, com as incansáveis pernas, com a pressão 12 x 8 -sem medicamento-, com os dentes que mordem costelas assadas e mastigam ofensas, com a resistência das mãos que tocavam violão. Marquei um encontro especial com o ingênuo bonde que acelerava meus projetos com a certeza de que todos na rua teriam as mesmas regras da minha casa.

ABRIGO

Abrigo uma secreta surpresa quando o prazer começa a falar com o que tenho de melhor e de pior. Condenado o prazer a um único fim, se une ao amor e ao ódio, revestindo a ambos de celebração.



URGENCIAS VITAIS

Preciso dessa dimensão para sonhar algum sonho que me devolva carinhos loucos, desaforados, cansados de se fingirem de mortos. Preciso dessa consistência para trazer de volta à vida urgências vitais que se recusam a morrer.

PREDOMINÂNCIA

Uma descomunal predominância das máquinas me vence todos os dias. Cada vez que exalto a busca do amor ocultado nas artes, me convenço de que escondemos algo fundamental e muito especial para um momento em que, estando mais evoluídos, poderemos desfrutar dessas competências.



NEUTRALIDADE

Invento uma neutralidade provisória destinada a disfarçar ofensas. Um trabalho de remendos exclusivos, inertes, cria versões secundárias dos piores insultos.

CARROSEL

Não param de jorrar imaginações que me atiram nos braços de um carrossel, no giro de uma roda gigante e no relógio que me desperta enraizado na manhã vedada aos sonhos.



MEMÓRIAS E SOMBRAS

Memórias fáceis de datar competem com zonas de sombra, desafiando-me com variáveis que interrogam com tanta força! Clamam por soluções, por interpretações, por traduções.

RENOVAÇÕES

Essa sensação de alegria que se apossa de mim à medida que não cesso de querer viver com infinitas vontades. Sou compelido a ressurgir extraindo a essência do ar que respiro para me lembrar de que aqui estou sujeito a tentadores riscos me propondo renovações da vida. Doravante confirmadas.



IMAGINAÇÃO

O silêncio se posta como uma contrapartida do texto, ele junta os detritos, deixa quietas as feridas, cobre a dor. É quase lúdico em sua quietude protegendo a vantagem de ser quase somente imaginação.

VIAGEM UTÓPICA

Ora sofro influencias da realidade, ora da ficção. Com a pretensão de viver transferi-me para um lugar qualquer neste mundo onde cabia o jogo de conveniências que permite ir mais longe e por mais tempo, uma viagem utópica.



IMITAM VERDADES

Crio ilusões de mudanças, visto disfarces, narro o sonho de cada um, dou o fim que cada um quer ouvir, esqueço os trechos avessos ao prazer, dou acesso aos mistérios, invento finais felizes, um desfile de leviandades que imitam as verdades.

ADIÇÃO DE CENAS

Tenho diante dos olhos uma adição de cenas desordenando a cronologia sem que eu tenha nada a dizer, elas são portadoras de umas aparências que não vivi, tento redescobrir se são uma fabulação, simples artifícios, denúncias disfarçadas ou alguns desejos brincalhões.



MEDITO

Medito, anseio calma, não estou no controle das regras, passo discreto sem fazer barulho, passo pelo mundo que me rodeia, pouco importa se levo tesouros ou imensas tristezas.

NENHUM VESTÍGIO

Meus sentimentos não deixam nenhum vestígio de que estejam livres de esperas. Desta forma, está fora de cogitação usá-los para qualquer afobada narrativa. Os meus interesses não são meramente os discursos, falo, mesmo sabendo de antemão que caminho para a aceitação de que os meus sentimentos são impronunciáveis.



SUBORDINADO

Subordinado nos braços da cadeira repouso, fabrico um tempo estendido. Acumulo monólogos imitando solitários. Cato palavras reencontradas ao acaso, sustentando precipitados reconhecimentos, ordenando paciências duradouras.

ENCANTAMENTOS

Esses meus encantamentos são temáticos de passagem. Levam-me em busca de mediadores proféticos, profetas do passado, lugares desejados, a buscar livros esgotados, a procurar pelas amizades perdidas, ao poder da metamorfose.



SOU CONJUNTO

Sou um conjunto fragmentado, reunião de várias partes, mergulhado nestas obsessivas narrativas onde esboço invenções entre mim e meus personagens movidos pela preocupação de persuadir. Faço soar imensas relíquias depositadas no espaço misterioso do papel. Aproprio-me de ocasionais surgimentos que se oferecem como que escapados de algum profundo lugar. Elas me dominam, se ocupam de me fazer portavoza destes documentos sem provas que dominam o meu imaginário dele arrancando variantes infinitas.

CHUVA NO JUÁ

E a chuva, segue exibida ou escondida? Comparece total ou parcial? Erótica ou inibida? Provocadora ou encharcada? Veio como aviso ou pra ficar? Definitiva ou de visita? Deem-me notícias da chuva, se ela fez as pazes com o Juá.



VENTOS E MOINHOS

Para entender meus moinhos será preciso voar com meus ventos, calar as ofensas, dispor da fome do fastio da evacuação e do alívio, dar e receber, acolher o cansaço e o descanso. Para passear por meus moinhos será preciso aceitar minhas inocentes mentiras, minhas perversas verdades, aprender a explorar tempestades, furacões, calmarias e covardias que meus amigos souberam tolerar, exageros que não souberam se comportar.

MAREMOTOS

Maremotos levam notícias das águas invasivas desconformes com seus limites. Insinuam-se passageiros nos batismos, nas torturas por afogamento, no banho de mar dos incautos, nas lágrimas dos abandonados, no peito dos ofendidos, na dor dos injustiçados. Maremotos passeiam, são ondas, vão e voltam. Eles sonham com terra firme.



TERREMOTOS

Os terremotos sempre vêm acompanhados dos medos de todos os tipos, medos cegos, inventados, doidos, doídos. Medos que entram na carne e no osso, que encolhem as impressões digitais, que galopam nos pés e sacodem o equilíbrio enquanto a casa geme invadida e surpresa transformando-se em ruínas.

NÃO CONHEÇO À MORTE

Não conheço à morte, algum dia terei de encontrá-la, terei que dizer-lhe que só a conheço de vista pousada no corpo alheio, e mais, que não costumo conversar com desconhecidas. Delicadamente lhe farei ver que nunca frequentei guerras e outros perigos induzidos, que a maior exposição ao perigo foi comer cachorro-quente na rua e nos estádios de futebol. O meu testamento está adiado, minha agenda lotada e nossos interesses distintos, tudo é desencontro. Vou sugerir-lhe que volte outro dia, que procure outro mais interessado na sua companhia, algum suicida necessitado de assistência. Pedir-lhe-ei paciência, com a minha insistência em seguir vivo, acabar-lhe-ei convencendo que se ela me levar verá o quanto imaturo estou para morrer. Ainda não dispenso atenção exclusiva.



Roberto Curi Hallal

